



DA SAGRADA FAMÍLIA AOS NOVOS MODELOS FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES DE (E PARA) SALA DE AULA

Anderson Rany Cardoso da Silva¹

Marcelo Medeiros da Silva²

Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO: O presente trabalho está vinculado às ações desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e refere-se a um conjunto de atividades que realizamos com alunos do 9º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Tenório de Sousa, localizada na zona rural do município paraibano de Monteiro. O nosso trabalho volta-se para o estudo dos rearranjos familiares na contemporaneidade e tem como objetivo refletir como essas novas configurações familiares podem ser, a partir do exercício pedagógico em sala de aula, recepcionadas por alunos/alunas do ensino básico mediante um trabalho com obras literárias que tematizam o assunto. Como lastro teórico em que se assentam nossas reflexões, apoiamos-nos em Facco (2009), Mello (2005), Grossi, Uziel e Mello (2007) e Silva e Ribeiro (2013), para os quais o conceito de família transcende o que já está arraigado socialmente, mas apresente outros matizes socioculturais. Os resultados obtidos foram satisfatórios, uma vez que, através do texto literário, foi possível fazer com que os/as alunos/alunas pudessem refletir sobre verdades que foram cristalizadas em nossa sociedade e em cultura, descortinando outras formas por meio das quais se firmam os laços familiares hoje em dia.

Palavras-chave: Família. Rearranjos Familiares. Ensino de Literatura. PIBID.

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto das nossas ações como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (*doravante* PIBID) e reportar-se-á a um conjunto de atividades que, no ano de 2015, realizamos em uma turma do 9º ano do ensino fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Tenório de Sousa, situada na zona rural do município paraibano de Monteiro. O trabalho que realizamos consistiu em um conjunto de aulas voltadas para a prática de leitura do texto literário que tematizasse assuntos que dificilmente circulariam no ambiente de sala de aula, tais como sexualidade, preconceito racial, violência, novas formas de configuração familiar. Sobre este último é que o presente trabalho se deterá, não só pela relevância da temática, mas, sobretudo, porque, quando em sala

¹ Discente do curso de Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) no Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE). E-mail: andersomrany123@hotmail.com.

² Professor de literatura da Universidade Estadual da Paraíba, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, e coordenador de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE). E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br.



de aula, nos rendeu resultados significativos para nós como professores em formação inicial, bem como para os/as alunos/as com quem trabalhamos.

Esclarecemos, antes, que a temática dos rearranjos familiares na contemporaneidade não tinha sido escolhida, inicialmente, como eixo de nossa intervenção pedagógica na referida escola, mas ela passou a ser depois da seguinte situação de fala de aula: discutíamos o cordel *A vida secreta da mulher feia*, de J. Borges, e, a certa altura do texto, apareceu a expressão “salada de frutas”. Ao indagarmos a que remeteria no cordel a referida expressão, uma aluna respondeu que à família. Então, voltamos a perguntar o que a turma entendia por família. Um aluno respondeu que era “um local onde vive papai, mamãe e um filho”. Voltamos a perguntar que família era um grupamento de pessoas nos moldes que o aluno apontara. Uma aluna respondeu que “não”. Entretanto, a resposta dela não se opôs à do aluno. Pelo contrário, corroborou-a porque, segundo a aluna, respondeu que “quase todas as famílias têm dois filhos e não apenas um”.

Novas perguntas foram feitas e percebemos que, naquele ambiente de sala de aula, a maioria dos/as alunos/as estava inserida em uma ordem discursiva segunda a qual o modelo de família tomado como parâmetro de referência em torno do qual tudo o mais gravita era o da família patriarcal: um pai, o provedor; uma mãe, mantenedora da harmonia do lar; e filhos, de preferência do sexo masculino. Percebemos, então, que esses/essas alunas não tinham, ou porque desconheciam ou porque para eles impossível pensar família fora do modelo patriarcal legitimado, conhecimento sobre os novos arranjos familiares vigentes na sociedade contemporânea. Por isso, uma vez finalizado o trabalho com o cordel de J. Borges, passamos a levar, para a sala de aula, textos literários que versavam sobre as relações familiares em nossa sociedade, em especial as que fugiam ao modelo de família nuclear burguesa: pai, mãe e filhos/as.

Considerando-se o que os/as alunos/as já conheciam, iniciamos nossas aulas com o conto “A caolha” de Júlia Lopes de Almeida, cujo modelo de família retratado, ainda que haja a ausência da figura paterna, está em conformidade com o discurso do patriarcado. Em seguida, trabalhamos com *Meus dois pais*, de Walcir Carrasco, obra que retrata um casal heterossexual em momento de separação em que o pai, que convive com outro homem, luta pela guarda do filho. Por fim, encerramos nossa intervenção com a leitura e a discussão de *Flor e rosa: uma história de amor entre iguais*, de Benilda Brito, em que se conta a história de amor entre duas adolescentes.



Creemos que o trabalho que realizamos cumpriu a contento com os objetivos que traçamos para ele no momento de nossa intervenção. Ou seja, conseguimos apresentar aos/as alunos/as novos modelos de família que, apesar de existirem no plano da realidade, são estigmatizados em virtude de crenças e valores culturais e sociais que não legitimam como positivo o que lhe é diferente. Nossos/as alunos/as puderam, pois, perceber que existem outros laços de parentalidade, diferentes daqueles a que eles/elas estão ligados. Por fim, acreditamos que pudemos, a partir do debate em torno dos textos literários acima citados, fazer da sala de aula um espaço para o fomento não só da reflexão sobre, mas, sobretudo, do cultivo do respeito à diferença.

Início das discussões em sala de aula: lendo “A caolha”, de Júlia Lopes de Almeida

Para darmos início as atividades em sala de aula sobre os novos laços de parentalidade, não podíamos romper, abruptamente, com o que vínhamos trabalhando com a turma. Conforme sinalizamos na introdução, nossas aulas até então estão centradas no cordel *A vida secreta da mulher feia*, de J. Borges, a partir do qual os alunos e alunas estavam sendo levados a refletir acerca da construção social da beleza e da feiura. Considerando-se que, de certa forma, o feio é uma das temáticas do conto “A caolha”, optamos por ele porque não perderíamos a discussão anterior acerca do que pode, em nossa sociedade, ser considerado feio ou belo, assim como, também, poderíamos dar início à nova proposta de discussão: os rearranjos familiares na contemporaneidade.

Acerca de “A caolha”, lembremos que o conto foi publicado, originalmente, no volume intitulado *Ânsia Eterna*. Com foco narrativo onisciente, a fábula desta obra trata da relação familiar entre mãe e filho marcados pela extrema pobreza. Ela é mostrada como um mãe muito abnegada, para quem o filho é a razão de sua própria existência. Entretanto, apesar da devoção da mãe, o filho sente vergonha dela em virtude não só do defeito físico que ela traz e que é motivo da alcunha que recebe, mas também do aspecto grotesco que a mãe apresenta porque:

A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados nos pulsos: mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo contato e o loiro grisalho, desses cabelos cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados (ALMEIDA, 1940, p.114).



A protagonista, apesar de aspecto repulsivo e grotesco descrito acima, é apresentada, ao longo da diegese narrativa, como uma mulher cujo modo de ser e de existir está coerente com o postulado patriarcal, visto que, mesmo diante das ingratidões do próprio filho, ela é uma boa mãe.

Como sempre procedemos em nossas aulas, iniciamos as atividades com uma motivação, estratégia a que recorremos para despertar a curiosidade dos alunos e impulsioná-los a participarem das ações que propomos. Por isso, antes da leitura de “A caolha”, realizamos um “bingo” que consistia na escrita por parte dos/as alunos/as de cinco palavras que representassem o/a principal responsável da família deles/as. A escola dos/as alunos deu-se pela figura da mãe, o que aponta para o quão estreitos podem ser os laços entre eles/as e a mãe, mesmo em casos quem a figura materna era ausente. Depois, cada aluno/a se posicionaria no lugar da figura a quem eles/as no primeiro momento da dinâmica descreveram com cinco palavras e escreveria cinco palavras que o/a definissem enquanto filhos/filha. Em seguida, quando todas as palavras estivessem redigidas, o professor ficaria responsável por sortear as palavras e @ alun@ que, em sua cartela redigida por eles/elas, tivesse todas as palavras sorteadas ganharia a brincadeira. Vejamos abaixo fotos das cartelas feitas pel@s alun@s que foram produzidas a partir de produção deles/delas:

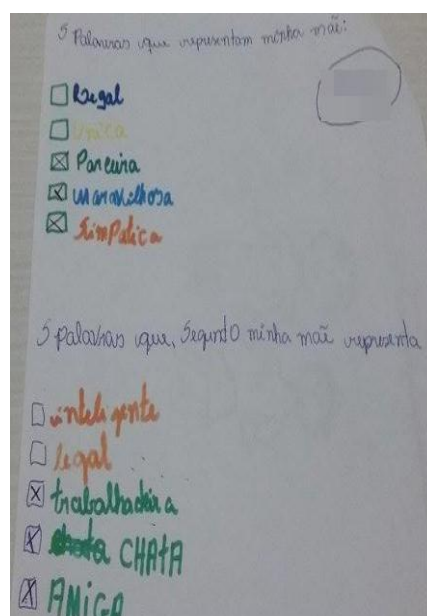
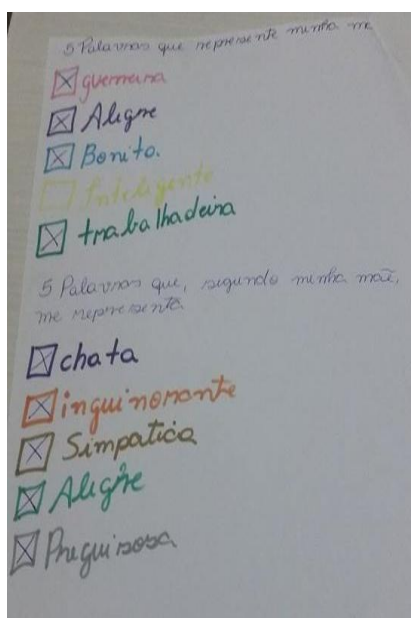


Figura 1: Cartelas do "bingo"

Depois desse momento lúdico, que visou sondar como os/as alunos/as viam os principais representantes de suas



famílias, partimos então para a leitura do conto que narra a história de uma mãe que é renegada pelo filho por ser, fisicamente, diferente das outras pessoas. Nessa história, o tipo de família que impera é o composto apenas pelas figuras da mãe e do filho, modelo semelhante ao em que se enquadravam alguns dos alunos/as da nossa turma.

Para discutirmos o texto, foram feitas, oralmente, perguntas que procuravam levar os/as alunos/as a refletir não só sobre aspectos estruturais da narrativa (tais como, caracterização das personagens, identificação da voz narrativa) como também avaliar o comportamento dos personagens e as relações de afeto existentes entre eles e, por fim, pensar acerca do modelo de família representado na narrativa de Júlia Lopes de Almeida. Acerca desse último aspecto, foi feita a seguinte pergunta: considerando-se que o modelo de família eleito como modelo em nossa sociedade é aquele em que temos a figura do pai como provedor, da mãe como esposa e cuidadora do lar e dos filhos/as, o modelo de família representado no conto em estudo corresponde a esse padrão de família nuclear burguesa?

As respostas a essa pergunta nos deram o mote para que pudéssemos prosseguir com a proposta de nossa intervenção: discutir sobre os diversos arranjos familiares existentes contemporaneamente. Como resposta, os/as alunos/as disseram que a família representada em “A caolha” foge ao padrão patriarcal porque nela inexistente a figura paterna sobre quem sequer se fazer menção alguma ao longo do texto. Ao darem essa resposta, percebemos que, na óptica dos/as alunos/as, existe apenas um único modelo de referência para o conceito de família enquanto outros sequer são aventados porque são tidos como inexistentes.

Sendo assim, eles/as até então desconsideravam que “os casais de homens existem; os casais de mulheres existem; os casais de homens e os casais de mulher com filhos – de relações anteriores, adotados, ou resultantes de novas técnicas reprodutivas-existem” (ALMEIDA, 2007, p. 160). Por isso, vimos que a nossa proposta de intervenção se fazia necessária naquela turma a fim de alargar os horizontes dos/as alunos/as de maneira que eles/as pudessem ver que o conceito de família não é tão rígido e fixo e que o modelo tomado como padrão não abarca todas as outras formas de família existentes em nossa sociedade.

Da sagrada família aos novos laços de parentela: leitura e reflexão no ensino fundamental

Para o trabalho que envolvia “a família e seus inúmeros arranjos”, iniciamos com uma atividade que pedia que os alunos



desenhassem sua própria família. O objetivo dessa atividade consistia em perceber até que ponto a família de cada um/a de nossos/as alunos corroborava o modelo familiar patriarcal e burguês ou apontava para que outras formas de parentela. A realização dessa atividade não contou, a princípio, com a participação de todos/as os/as alunos, visto que muitos/as deles apresentaram resistência em realizá-la, negando-se a fazê-la. Alguns/umas até explicitaram os motivos da recusa à atividade, os quais estavam relacionados a problemas em casa, enquanto outros alegaram que não pertenciam ao modelo-padrão e, por isso, não queriam desenhar. Mesmo assim, outra parte da turma se dispôs a realizar o proposto e abaixo trazemos alguns dos desenhos feitos, os quais apontam para uma diversidade de famílias que não necessariamente estão em conformidade com o modelo patriarcal burguês:



Figura 2: “Família 1”



Figura 3: “Família 2”

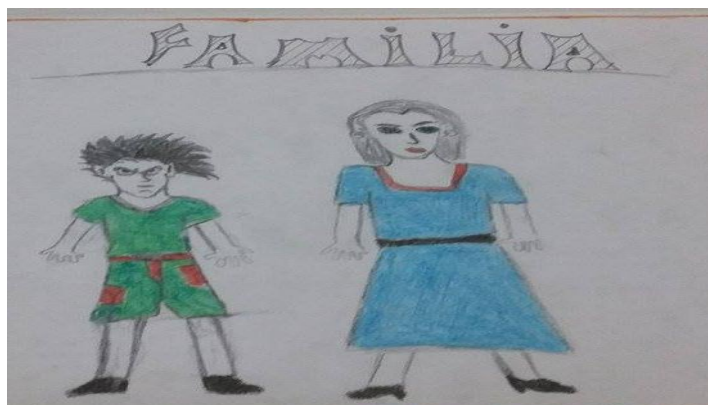


Figura 4: "Família 3"



Figura 5: "Família 4"

Conforme dissemos, as ilustrações acima revelam que nem todos/as os/as alunos/as com quem trabalhamos fazem parte ou estão inseridos no modelo de família tomado como padrão de referência social e, por isso, valorizado como positivo. O primeiro desenho ilustra uma família constituída apenas por mulheres como principais figuras de referência, o que nos faz pensar que o aluno responsável pelo desenho convive com sua mãe, avó, irmãs ou até mesmo tias. Ou seja, com exceção dele, todos os membros familiares são do sexo feminino. O segundo desenho não deixa dúvida: quem o fez convive apenas com a mãe e a irmã. O terceiro evidencia que o aluno convive apenas com a mãe e o último desenho é o único que corrobora o modelo padrão tido como o de a sagrada família: o pai ao centro, a mãe e os filhos ao lado dele.

Se há essa diversidade de laços de parentela, por que a resistência de nossos/as alunos/as em falar desse assunto. Ou melhor, de desenhá-lo? Esse receio pode advir de vários fatores, mas, talvez, ele seja decorrente de certa "vergonha" em não pertencer ao que, socialmente, é tido como positivo e valorizado. Lembremos que, acerca da família nuclear burguesa, há uma miríade de



construções imagético-discursivas que a colocam como o padrão a ser seguido:

O reforço do estereótipo do modelo tradicional de família também é frequente. Na mídia, como nas propagandas de margarina, xarope ou de comida congelada, essa prática é usual. A mulher (branca) chega do trabalho, vestida de executiva e, com um sorriso com dentes perfeitos, esquentando, no micro-ondas, a lasanha congelada, enquanto a família (geralmente um homem bonito, branco, ainda de gravata, e um casal de crianças brancas, lindas e quietinhas) aguarda sentada à mesa (FACCO, 2009, P. 104).

Não só em nossa sala de aula, mas nas de outras escolas, encontramos uma diversidade de famílias e pessoas, já que, como aponta Facco (2009), a escola é o lugar do diverso não só quando o assunto é a expressão dos pensamentos, mas, sobretudo, pela presença de sujeitos que circulam no interior escolar. Nesse sentido, vamos nos ater à ilustração abaixo:



Figura 6 "Família 5"

O desenho acima, depois de pronto, nos chamou bastante atenção, principalmente porque sua autora foi a que mais se recusou a fazer o trabalho que propusemos. Como ficamos intrigados com o desenho, conversamos, em particular, com a aluna que o fez para saber o que ela expressou com a ilustração. Primeiro, ela se colocou como a garota no canto direito que está com o livro na mão. Criada pelos avôs, representados na parte superior do desenho, ela teve uma filha muito nova, a menina de rosa que está quase ao centro da figura, cujo pai não é o que está ao lado esquerdo do desenho, uma vez que o pai da criança é “desconhecido”. A figura masculina que aparece no canto esquerdo do desenho é o pai da aluna. Se olharmos com mais atenção para essa figura, perceberemos que a aluna ilustrou o pai como se ele estivesse de costas para ela e para todos os demais membros da família. Segundo nos relatou, a aluna foi abandonada pelos pais



e criada pelos avós paternos. Como não conhece a mãe, ela não a representou. Nesse caso, a mãe aparece como ausência. Já o pai da aluna é conhecido, mas vive distante dela. Por esse motivo, ele está desenhado meio de longe e de costas. Foi essa a forma como aluna encontrou para representar, segundo ela, o desprezo que sofre do pai.

Após as discussões sobre os desenhos por meio dos quais os alunos representaram suas famílias, pedimos-lhes que, ainda por meio de desenhos, ilustrassem famílias que eles/as considerassem que são diferentes porque não confirmam o que é dito como o modelo aceitável socialmente. Essa atividade foi intitulada de “#MinhaFamíliaExiste”. Eis alguns dos resultados de tal atividade:



Figura 7: #MinhaFamíliaExiste 1



Figura 8: #MinhaFamiliaExiste 2



Figura 9: #MinhaFamíliaExiste 3



Figura 10: #MinhaFamíliaExiste 4



Assim como na atividade anterior, nesta outra os alunos apresentam também resistência para realizá-la. Alguns chegaram mesmo a se recusar fazê-la. Entretanto, outros fizeram-na e a partir de suas produções é possível que tenham algumas reflexões acerca de como eles veem os laços familiares. A título de exemplificação, se voltarmos aos desenhos acima, perceberemos que o primeiro representa um modelo de família no qual existe apenas a figura da mãe com os filhos. Semelhantemente a este desenho, o segundo evidencia apenas uma mãe e um filho. O terceiro mostra que família pode ser um ser humano e um animal, já que na figura aparece apenas uma mulher e um cachorrinho. Já o último desenho mostra que uma família por ser constituída por sujeitos do mesmo sexo. No caso em questão, dois homens e uma criança. Reiteremos que os desenhos sobre os quais estamos nos detendo forma, uma vez depois de elaborados pelos/as alunos/as, socializados e discutidos em sala de aula a fim de conscientizarmos de que família é algo muito mais diverso do que o modelo instituído como padrão. Ao agirmos assim, como educadores, estamos tomando uma postura política que parte do pressuposto de que compete à escola fomentar a consciência crítica de seus/suas alunos/as e ensiná-los/as a desconfiar do que é naturalmente aceito. Em outras palavras, é necessário que “a escola, educadores e educadoras assumam a tarefa de combater os preconceitos e as violências, construir o respeito à diversidade e à equidade de gênero através de práticas educativas [...]” (SANTOS, 2013, p. 439).

A discussão sobre família não se encerraria com a produção dos desenhos comentados acima. Ela deveria prosseguir com a leitura e a discussão de duas obras literárias voltadas para o assunto: *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco, e *Flor e rosa: uma história de amor entre iguais*, de Benilda Brito. Entretanto, alguns eventos, tais como paralizações, greves, inviabilizaram o prosseguimento de nossa proposta, visto que o encerramento do ano letivo estava muito próximo e não teríamos mais tempo para dar continuidade com o trabalho. Apesar disso, por acreditarmos na viabilidade do que pensamos em executar, mas, principalmente, por termos a consciência de que a temática em discussão, bem como as obras que escolhemos, precisa circular em sala de aula a fim de não apenas apresentar outros laços de família, mas de, sobretudo, cultivar o respeito à diferença, é que passaremos a expor como, sugestão, as demais etapas do trabalho que ficou em suspenso e que pensamos em retomar, em outro momento, quando estivermos em sala de aula como regentes de ensino.

Depois que fizéssemos essas leituras e pensássemos sobre os textos, seria mostrado o outro lado da moeda, ou seja, iríamos expor, como essas famílias que fogem do padrão tradicional são perseguidas



socialmente. Dessa forma, teríamos que levar notícias, tanto vídeos, como fotos, que evidenciem o preconceito que ainda, infelizmente, perdura na sociedade³.

Em seguida, cobraríamos da turma a confecção de cartazes que mostrassem a possibilidade de amar o próximo da maneira como ele é. Após a produção, viria à apresentação para os/as demais colegas. Tendo isso em mãos, os cartazes seriam expostos na escola, não apenas como uma maneira de mostrar o trabalho, mas alertar as pessoas para o preconceito que ainda perdura na sociedade.

Nesse sentido, esperávamos que não somente os alunos do 9º ano da referida escola rompessem com verdades que são encasteladas na universidade, mas também que toda o corpo escolar pudesse conhecer e respeitar que o que une uma família não é apenas laço de sangue e sim, o amor, principal ingrediente de qualquer relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da experiência aqui relatada, é importante destacar que a temática em discussão precisa, ainda, circular no ambiente escolar, uma vez que a escola não é uma redoma de vidro alheia à vida, ao mundo lá fora de onde vêm e vivem os/as alunos/as que pela escola circulam. A discussão em torno dos rearranjos familiares e das outras formas de parentela advém ainda da necessidade da escola de extrapolar os limites do heterocentrismo familiar, visto que, como “as expressivas transformações sociais, políticas, culturais e econômicas do último século têm afetado, sobremaneira, a família” (MELLO, 2005, p. 27), essas mudanças precisam ser conhecidas por nossos/as alunos/as a fim de que possamos formar cidadãos e cidadãs críticos/as, mas, principalmente, abertos à diversidade, ao respeito à diferença. Para ilustrar o que dissemos, leiamos mais um desenho feito por um de nossos alunos que aponta para quão positiva foi a discussão porque no lugar do ódio fomentou o respeito ao que, em alguns discursos reacionários e preconceituosos, deve estar sempre à margem:

³ Essas notícias não foram selecionadas, pois a aplicação delas foi impedida pelo fim do ano letivo.



Figura 11 Mensagem deixada por aluno em uma das atividades de desenho.

Tanto o texto verbal quanto o não-verbal evidenciam que o discurso do aluno está permeado por uma ideologia de valorização da diferença, visto que ele afirma que “não existe família sem amor” e a ilustração criada por ele sinaliza para a família como um agrupamento de pessoas marcadas pela diversidade. Por isso, gostaríamos de finalizar o nosso texto, reiterando que, ainda que a nossa proposta de intervenção tenha ficado inconclusa, percebemos que a necessidade de a escola abrir espaço para discussões sobre assuntos que são vistos como tabus e, conseqüentemente, deixar de resistir “aos novos tempos, às novas reflexões que se fazem prementes, e de optar por permanecer em uma posição aparentemente desvinculada dessas discussões, embora isso seja impossível, já que elas permeiam todos os espaços e relações sociais” (FACCO, 2009, p. 22). Daí por que as discussões que empreendemos, os textos que lemos e os que pretendíamos ler precisam, cada vez mais, se fazer presentes na escola a fim de que possamos manter em processo ações que considerem a educação como “lugar de crítica, diálogo, criação e transformação cultural” (SANTOS, LIMA, GOMES, LIMA e MENDES, 2013, p. 429).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A caolha. In: _____. **Ânsia eterna**. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O casamento entre pessoas do



mesmo sexo. Sobre “gente remotas e estranhas” numa “sociedade decente”. In: GROSSI, Mirian; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 153-168.

ANDRADE, Andreza de Oliveira. A educação que se pergunta pelo corpo: debatendo gênero, sexualidade e homofobia na escola. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 417-428.

BRITO, Benilda. **Flor e rosa**: Uma história de amor entre iguais. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

MELLO, Luiz. Matrimônio entre pessoas do mesmo sexo na Espanha. Do perigo social à plena cidadania, em quatro estações: In: GROSSI, Mirian; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 169-188.

MELLO, Luiz. Para além do heterocentrismo na família. In: _____. **Novas famílias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 25-50.

PASSOS, Maria Consuêlo. A constituição do parental na família homoafetiva. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 299-307.

SANTOS, Anita Leocádia Pereira dos; LIMA, Debora Michele Sales de; GOMES, Deivide Eduardo de Sousa; LIMA, Gleicy Deise Santos; MENDES, Rodrigo Cirino. Relações de gênero e homofobia nas escolas: um estudo no brejo paraibano. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 429-440.